



doi: 10.20396/rfe.v12i3.8661969

Dilemas Educacionais: domínio tecnológico, saber e a crise de desempenho em meio à pandemia.

Floriano Euclides Gomes da Silva Silva¹

Mariana Pícaro Cerigatto²

Resumo:

O artigo visa discutir no campo educacional a presença das tecnologias e suas influências quanto à crise de desempenho do indivíduo dentro da sociedade, analisar como a escola e a educação passam a lidar com a propagação de informações por parte dos alunos, e compreender os impactos advindos desse isolamento social provocado pela Pandemia da *COVID-19*. Com base em autores como Foucault (2009), Han (2018), França (2018) e Serres (2013). Concluindo que se deve ter criticidade ao utilizar esses recursos, ponderando o que se busca a partir deles, sendo que os mesmos podem ampliar como também contribuir para a limitação e submissão do sujeito.

Palavras-chave: Tecnologias. Educação. Pandemia.

Abstract:

The article aims to discuss in the educational field the presence of technologies and their influences on the crisis of individual performance within

¹ Bacharel em Direito pela Faculdade Pio Décimo. Pós-graduação Direito e Processo Civil pela CICLO (Universidade Guanambi). Licenciatura em Letras Português e Espanhol - Faculdade Pio Décimo. Pós-graduando em Estudos da Tradução, Interpretação e Ensino de Língua Estrangeira pela Fanese. Mestrando em Educação e Comunicação pela Universidade Tiradentes.

² Doutora em Ciência da Informação pela Unesp/campus Marília (2018). É mestre em Comunicação, Informação e Educação em Televisão Digital pela Unesp, campus de Bauru. Possui formação em jornalismo pela Universidade Sagrado Coração (USC). Fez período de pesquisa/doutorado sanduíche na Universidad Politecnica de Valencia (Espanha), no programa de Doutorado em Industrias de la Comunicación y Culturales (bolsista do Europe and Latin America Sustainable Innovation and Knowledge Academic Network - EuroInkaNet Project/Erasmus Mundus Programme/European Commission). Desenvolveu pesquisas no Mestrado e Doutorado em Comunicação da Universidad de Huelva (Espanha), na linha de Educomunicação, com auxílio da Asociación Universitaria Iberoamericana de Postgrado - AUIP.

society, to analyze how school and education began deal with the propagation of information by students, and to understand the impacts arising from this social isolation caused by the Pandemic of COVID-19. Based on authors such as Foucault (2009), Han (2018), France (2018) and Serres (2013). Concluding that one should be critical when using these resources, considering what is sought from them, and that they can expand as well as contribute to the limitation and submission of the subject.

Keywords: Technologies. Education. Pandemic.

1 Introdução

As tecnologias estão incorporadas de tal maneira na vida da sociedade cotidiana, que muitas vezes molda estilos de vida, e já não é plausível tratá-las apenas como um fenômeno isolado do entorno social e da dinâmica vivencial, sendo que elas podem influenciar em alguns casos os sujeitos tornando-os reféns desse processo tecnológico, alterando a sua liberdade de pensar e agir, podendo gerar uma espécie de monitoramento e submissão quando usam-se esses mecanismos em excesso, influenciando o desempenho tanto profissional quanto pessoal, ainda mais agravado atualmente em decorrência do distanciamento social gerado pela Pandemia da *COVID-19*.

A concepção de mundo atual leva a presumir que os indivíduos são livres sem nenhum tipo de submissão ou dependência do sistema. As tecnologias dão esta sensação de liberdade, pois pode-se resolver facilmente uma tarefa por meio de dispositivos móveis, não precisando estar no local presencialmente. Conforme destaca Serres (2013), comparando os jovens que envolvem as carteiras escolares na atualidade se diferenciam de suas gerações anteriores. Em que, os próprios dedos das mãos se constroem para utilização dos meios digitais, empregando o termo “Polegarzinha”.

Mas será mesmo que os indivíduos são livres ou eles estão num estado em que a liberdade é apenas uma grande ilusão? Onde as tecnologias na verdade são instrumentos de escravidão permissiva, a

aparente autonomia que se encontra diariamente nas redes sociais tornou-se uma técnica que possibilita o poder exerça uma espécie de “vigilância sobre nós”, segundo Han (2018). Em outras palavras seria uma forma de submissão ou a auto exploração construindo um sujeito de desempenho, de forma natural e explícita em comum consenso com as redes sociais vigentes.

A ultra velocidade e o consumo das notícias em redes sociais, que antes caracterizava-se por ser uma atividade complementar em relação ao consumo nos meios tradicionais (jornal impresso, rádio e televisão), mudou seu panorama passando a ser quase que completamente transferido para essas redes, com tal agilidade e intensidade que alguns muitas vezes surgem as *fake news* e a apuração correta dos fatos às vezes é deixada de lado. É a política das interações ou dos *likes* nas palavras de França (2018), que nada mais é do que os comentários e compartilhamentos de conteúdo que cada pessoa realiza ao ler o *post*.

Então a sociedade contemporânea, se constitui de uma estrutura de poder muito diferente daquela que predominou em tempos mais longínquos, onde fatores como a força e a imposição eram utilizados para disciplinar o sujeito individual e o seu corpo. No presente, a vida social passa a se organizar, denominada por Foucault (2009) com base na biopolítica, ou seja, as multidões são reguladas pela força impondo a condição de utilidade e também da busca pela regulação dos discursos, sempre buscando com que o capital mantenha sua soberania, reprimindo a liberdade de cada indivíduo de forma estratégica de acordo com a relação de controle e gestão na vida das grandes massas.

Numa sociedade tecnológica e globalizada que se preza muito pela rapidez de informações durante os processos de interação e relacionamentos, as tecnologias têm seus benefícios como também podem gerar domínio ou dependência entorno do sujeito. Pois, todos se tornam consumidores das grandes redes e o ambiente escolar sofre consequências pelas mudanças deste processo, o saber então poderá ser ampliado ou desconstruído. O presente artigo se justifica na perspectiva sujeito e educação.

Tendo como objetivo refletir se a difusão exacerbada desses meios digitais, pode acabar impedindo o desenvolvimento intelectual e criar uma sensação de crise de desempenho, alterando o senso coletivo do sujeito diante dessa possível sensação de falsa privacidade que o mundo digital envolve, podendo na verdade criar um ser refém do sistema sem liberdade escolha apenas constituindo-se um objeto de controle, e os impactos desse isolamento social provocado pela Pandemia da *COVID-19* afetando o desempenho educacional e modificando as práticas pedagógicas de modo *online*, aumentando ainda mais a dependência das tecnologias digitais de comunicação.

A seguir cada posicionamento desses autores serão analisados em quatro seções: 2- tratará das consequências da utilização das tecnologias na propagação de conhecimentos do sujeito gerando o domínio, 3- o saber e a difusão digital, 4- a postura dos educadores e alunos diante dessa expansão ilimitada de conteúdo, e 5- o desempenho educacional em tempos de pandemia, sob a perspectiva de uma metodologia de caráter exploratória bibliográfica, que segundo Gil (2008) caracteriza-se por:

Proporcionar maior familiaridade com o problema (explicitá-lo). Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso. (2008, p. 41)

Levantando informações e hipóteses a respeito da influência das tecnologias no meio educacional, destacando as possibilidades de tomadas de decisões por parte do aluno e do educador na construção da aprendizagem. Diante da presença e do compartilhamento de dados fornecidos pelas redes de comunicação.

Concluindo a partir da difusão acentuada desses meios digitais, como eles podem impedir o desenvolvimento intelectual e formatar a crise de desempenho, por parte do indivíduo. Modificando o seu senso coletivo e a liberdade do sujeito diante desta falta de privacidade que o mundo digital

constrói cotidianamente. Devendo-se atentar para a criticidade ao utilizar esses recursos tecnológicos de forma corriqueira.

2 As tecnologias como forma de domínio

O homem cada vez mais tem a necessidade ou desejo de estar presente em todas as esferas possíveis, multiplicando o seu campo de atuação e abrangência tanto profissional quanto pessoal, e a presença da tecnologia faz com que esse desempenho seja ainda mais potencializado, buscando maior facilidade e comodidade. Visando o cumprimento de determinadas metas, tentando aprimorar sua qualidade de vida, agilizando suas formas de produzir e interagir, com o intuito de gerar mais conforto e satisfação.

No primeiro seminário ministrado por Foucault na Universidade de Vermont em 1982 ele apresenta os quatro tipos de tecnologias presentes na cultura ocidental urbanizada, que influenciam especificamente na formação dos indivíduos, influenciando na construção e modificação de cada um, alterando os seus comportamentos e percepção da realidade. Segundo Foucault:

Como contexto, devemos entender que há quatro grupos principais de “tecnologias”, cada um deles uma matriz de razão prática: (1) tecnologias de produção, que permitem produzir, transformar ou manipular as coisas; (2) tecnologias dos sistemas de signos, que permitem utilizar signos, sentidos, símbolos ou significação; (3) tecnologias de poder, que determinam a conduta dos indivíduos e os submetem a certos fins ou dominação, objetivando o sujeito; (4) tecnologias de si, que permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade (2009, p. 323-324).

Por conseguinte, para o autor a sociedade passa por um processo de tentativa de disciplinar, sendo expostos ao domínio intelectual e corporal. Segundo Foucault (2009) seria necessário compreender que a dominação está presente dentro dos mecanismos de controle, onde o sujeito está preso a regras de conduta que ao mesmo tempo o prendem e o conduzem ao poder. Ressaltando que o poder advém dos limites impostos pelo direito e suas regras delimitadoras, deixando a verdade em segundo plano.

O conjunto das tecnologias que impõem estratégias de poder são efeitos da dominação, produzindo uma espécie de controle através das práticas segundo Foucault (2009). Instaurando assim, a relação de poder para manipular os indivíduos, não permitindo aos mesmos agirem livremente, eles sempre estão sendo observados na tentativa de disciplinar o sujeito. Conforme afirma Foucault:

Disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme a regra. É preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade de submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares. É assim que no exército aparecem sistemas de graus que vão, sem interrupção, do general chefe até o ínfimo soldado, como também os sistemas de inspeção, revistas, paradas, desfiles, etc., que permitem que cada indivíduo seja observado permanentemente. (1998, p. 106)

Os saberes existiriam com base no entendimento do autor em relação aos dispositivos de poder, determinando os campos de conhecimentos, sendo necessário para possuir impor poder estar presente dentro dos ramos do saber. Seria uma forma na qual todo saber coincide a um poder. Relacionando-se a campos científicos para Foucault (2009) como a Medicina, Psicologia, Psiquiatria ou Direito. É o modus no qual os homens exercem poder sobre si e sobre outros.

As tecnologias também entram neste domínio Han (2013) que questiona a privacidade virtual que se vive, destacando a presença das redes sociais a todo momento, tudo hoje tem que se tornar público, ser

compartilhado, curtido, as pessoas estão expostas diariamente, mesmo que praticando o ato voluntariamente não percebendo o que está por trás da conduta. Como destaca Han:

A comunicação digital promove esta exposição pornográfica da intimidade e da esfera privada. Às redes sociais surgem igualmente como espaços de exposição do privado. O meio digital, enquanto tal, privatiza a comunicação, na medida em que desloca a produção de informação do público para o privado. [...] Nos termos desta definição, deveríamos dizer que não temos hoje qualquer esfera privada, porque não há esfera alguma na qual eu não seja uma imagem, na qual não haja uma câmera. (2013, p.14)

Percebe-se que a ideia de indivíduos com privacidade está passando por transformações cotidianas, devido a necessidade de estar sempre em disputas internas para se ter desempenho a todo momento. A mesma está sendo colocada em segundo plano, em decorrência da exposição virtual que se propõe de forma espontânea visando ser parte do meio tecnológico e consumidor ao mesmo tempo, é a dependência do digital instaurada no homem.

É nesse ponto de vista que Han (2018) questiona se há liberdade ou falta dela? E reflete a partir da ideia de que não seríamos indivíduos/sujeitos encerrados na própria perspectiva, uma espécie de sujeito do desempenho. Seres que buscam a competição uns com os outros e o capital só se propaga, mas a liberdade permanece inalterada, tornando-se sem perceber reféns do capital, explorados voluntariamente.

O consumidor passa a ser refém do sistema de dados com a ampla capacidade de se obter conhecimentos sobre a comunicação social através das suas dinâmicas. Onde tudo pode ser mensurado e qualificável, e a gama de dispositivos presentes acabam construindo uma relação de dominância e submissão, retirando o livre-arbítrio, indivíduos presos as *Big Datas*. Que nas palavras de Han:

Trata-se de um conhecimento de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo. Com as big datas tudo pode ser mensurável e quantificável. O fim da pessoa e do livre-arbítrio, visto que cada “dispositivo, cada técnica de dominação, produz seus próprios objetos de devoção, que são empregados para a submissão, materializando e estabilizando a dominação (2018, p. 23-24).

As *big datas*, são procedimentos em que os dados do consumidor são analisados, a cada segundo, todos os setores da economia (indústria, comércio e serviços) públicos e privados buscam oferecer informações para que o negócio/capital gire e produza consumo rapidamente. Vigiar os padrões de pesquisa e oferecendo por exemplo, promoções ou serviços diariamente em redes sociais, sites de busca, e-mails. Instigando o consumidor, a investir na aplicação do seu recurso financeiro.

As plataformas digitais passam a registrar a vida cotidiana, por exemplo, uma pessoa acessa uma página de compras no *Facebook* e a partir disto se desenvolvem algoritmos que a cada vez que ela abrir novamente a rede social, será direcionada a acessar aquele conteúdo de compras, a rede social vai se programar de acordo com o histórico de busca do indivíduo. Por isto, inúmeras propagandas aparecem em diversos momentos sobre aquilo que o indivíduo pesquisou anteriormente.

É uma forma de controle de acesso e comportamento que as redes de interação desenvolvem, para que a pessoa consuma e ao mesmo tempo pense que está sendo privilegiada por ter uma gama de sites oferecendo serviços ao seu dispor. O termo *Big data*, se constitui baseado nestas demandas, a tecnologia coleta os dados de pesquisa da pessoa, de acordo com acesso, cliques e interações, e acaba vigiando o seu acesso, padronizando o comportamento dos sujeitos. De acordo com Han (2018) é o Poder Inteligente que domina e fazem os sujeitos reféns de si mesmo

O indivíduo tem a necessidade de se fazer parte do sistema digital, querendo ampliar os seus domínios, as relações com o outro, é uma forma de autopromoção por estar conectado e consumindo o que a coletividade faz

questão de mostrar, se tornando protagonista do sistema a todo momento. A tecnologia vira assim produto de necessidades, sendo difundida de acordo com o interesse de quem a controla. A máquina desta forma, é quem tem o controle do sujeito.

E o saber educacional diante desta expansão tecnológica, a transmissão de conhecimentos em relação aos alunos com novas concepções e formas de comportamento, as práticas de ensino terão que ser mudadas? Por ser uma era de transformações culturais e sociais, os relacionamentos consequentemente tendem a se modificarem, os discentes por serem indivíduos ativos, querem informações rápidas, conteúdos práticos, acesso em qualquer lugar através dos dispositivos móveis. A escola com o discurso pedagógico alicerçado desde da sua origem terá que se adaptar para atender aos anseios dos jovens digitais. Pois, grande parte da coletividade desses jovens estão inseridos neste contexto digital, onde muitos se sentem independentes, pois tem o controle e acesso a tudo diante de um toque na tela dos seus dispositivos.

E a tecnologia é maneira que eles encontram para melhor atender às suas necessidades de interação com o mundo, de participação deste novo meio social onde os conhecimentos em muitos casos são permeados pelos avanços tecnológicos. Questões que serão exploradas no próximo tópico.

3 O saber e a difusão digital

As crianças e os jovens do mundo atual, são gerações bem diferentes das anteriores na forma de se comunicarem e transmitirem seus conhecimentos, a nova sociedade para eles é formatada pelas novas mídias, como *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, são algumas das plataformas que os jovens levam para o ensino estando a todo momento conectados. Logo, muitos anseiam por novidades ao chegarem nas estruturas escolares e o saber se vê diante desta premissa, em que o digital permeia os seus discentes.

E Serres (2013) no livro *Polegarzinha*, propõe uma reflexão sobre essas novas formas de interação entre os jovens e a escola no mundo

hodierno. O autor emprega o termo Polegarzinha, para designar crianças ou jovens que fazem uso dos seus polegares para manusear seus celulares e se intercomunicar, o tempo todo mesmo com a distância física. Possibilitando ter acesso ao mundo do saber na palma da sua mão.

O aluno agora passa a ter o saber distribuído em inúmeras plataformas, os livros não são mais a única forma de ter o conhecimento em mãos, a memória assim tende a ser menos exigida pois todo o conteúdo já está sendo armazenado pelas máquinas, a disposição para serem acessado a qualquer momento. Com base nas palavras de Serres:

Essas crianças podem manipular várias informações. Não conhecem não integralizam, nem sintetizam da mesma forma que nós seus antepassados. Não tem a mesma cabeça. Por celular, tem acesso a todas as pessoas; por GPS, a todos os lugares; pela internet, a todo o saber, por um acesso topológico de informações. Não habitam mais o mesmo espaço. (2013, p. 19)

Assim sendo, é uma nova constituição do jovem que controla o seu mundo espaço/tempo, por meio de dispositivos, construindo relacionamentos, pesquisas, acessando conteúdos a qualquer hora e lugar, enviando mensagens para um amigo rapidamente, não importando mais estar no mesmo espaço físico ou próximo de alguém pare se desenvolver e relacionar. Uma forma de agir e pensar bem diferente dos seus pais e professores que viveram em outra era.

Os materiais não precisam ser mais impressos, já que tudo já está armazenado e transmitido com o advento das mídias atuais. A discussão agora é de como o jovem pode assimilar o saber, já que a memória não precisa ser explorada como antes, tudo já está armazenado pelas máquinas. Sendo necessário, se ter cuidado para que os conteúdos também não sejam apenas transmitidos sem um cunho pedagógico, fazendo com que o discente não aguce o seu entendimento reflexivo.

Os jovens desta forma, passam a pesquisar o saber através da máquina, na sua própria biblioteca de pesquisa digital, os livros ali já se

encontram organizados, cada conteúdo bem especificado, classificado, ou seja, os aparelhos móveis dominam a busca do conhecimento. O conhecimento se propaga pelas redes, emitidos e compartilhados por milhares de pessoas, o digital ultrapassa o domínio físico.

As notícias jornalísticas por exemplo, não são buscadas apenas em sites específicos, outras plataformas ganham espaço com o desenvolvimento digital, a ampliação de conhecimento se expande para outros meios, novas redes de compartilhamento passam a ter força e persuasão. Segundo destaca França:

A expansão do acesso às redes sociais vem gerando mudanças nos hábitos de consumo de conteúdo noticioso, levando à concentração desse consumo em plataformas diferentes dos sites das empresas jornalísticas tradicionais, a exemplo das redes sociais Facebook, Twitter e Instagram. O Twitter despontou como a rede mais integrada à busca de notícias, embora o número de seguidores seja o menor, se comparado às outras duas redes e seu formato se caracterize, fundamentalmente como texto, vídeos, fotos. (2018, p. 45)

Algumas grandes marcas também têm que lidar com esses novos meios de propagação da notícia, a exposição antes ligada aos meios televisivos sofre alterações devido a difusão das redes. A notícia e as propagandas passam a ser compartilhadas no *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* milhares de vezes, a todo instante, mudando a concepção de sociedades anteriores que eram vistas exclusivamente na TV.

O *Facebook* por exemplo, teve que investir na distribuição de conteúdo, nas palavras de França (2018) com intuito de não perder os seus consumidores e torná-los ativos para lerem notícias jornalísticas sem deixar de acessar a plataforma, não correndo o risco de perder os seus seguidores e como uma forma também de mantê-los ao máximo presos ao ambiente digital. Como afirma França:

Uma das principais questões que motivou o FB a investir em estratégias de distribuição de conteúdo jornalístico foi a necessidade de evitar que o internauta deixasse a plataforma e fosse redirecionado para outros sites, o que poderia levar a diminuição do tempo de permanência no ambiente do FB e o conseqüente menor consumo dentro da rede. (2018, p. 45)

É uma prática que as grandes redes praticam com o intuito de manter os seus seguidores, fazê-los consumir, curtir, compartilhar, visando sempre o máximo consumo possível dentro deste contexto mercadológico. E o jovem por exemplo, não tem que se preocupar em assistir um jornal para ver as notícias diárias, tudo já está posto na sua própria rede em que o mesmo só vai ter o “trabalho” de abrir e ver. E conseqüentemente trocar informações com os seus amigos ou seguidores.

Os produtores de conteúdos jornalísticos preocupados com esta mudança de consumo de notícias, acabam também tendo que migrar para o meio digital muitas vezes se vendo obrigados, a investirem para que suas informações façam parte das redes sociais, o jornalismo buscando atender as novas demandas também se torna *online* para acompanhar a era tecnológica.

Ainda assim, a utilização das redes sociais neste contexto pandêmico está sendo bastante relevante, de fundamental importância para difusão de notícias, propagação do conhecimento, e de suporte por exemplo para o desenvolvimento das aulas a distância. Sendo necessário, suprimir aqueles que ainda tem um acesso deficitário, gerando desigualdades de adaptar-se às tecnologias computacionais, sendo necessário maior aperfeiçoamento para que todos sejam contemplados no desenvolvimento das aprendizagens, da capacidade crítica, e no compartilhamento de ideias.

Destacando que estamos num contexto tecnológico cada vez mais presente no convívio social, que atinge diversos meios e classes, o que ressalta a instauração de um período de revolução digital em que as pessoas seguem conectadas a todo instante. Com o intuito de se interligarem as novas tendências advindas das grandes redes de informação e comunicação,

o que poderá beneficiar todos os sujeitos participante desta dinâmica quanto a propagação de conhecimento.

E ainda, se tem o papel educacional e escolar, dentro deste contexto de compartilhamento de informações e conteúdos entre os discentes, como ela vai se portar mediante ao cenário tecnológico vigente. Temática que será abordada mais claramente no tópico posterior.

4 Educação e a Escola

A escola e os educadores sabedores desta expansão de notícias que o aluno está imerso no ambiente digital, encontram-se diante de uma nova forma ensino em que o livro muitas vezes é substituído pelo computador ou celular. Muitos jovens deixam de serem atraídos pelo ambiente sala de aula, local costumeiro de aprendizagem silenciosa, onde o aluno era controlado pelo professor para ficar passivo durante a transmissão do saber, não permitindo questionamentos e debates. A era digital vem ampliando esta perspectiva, o discente tem a necessidade de levantar, circular, conversar e trocar informações, querendo ser ativo a todo instante.

A máquina agora passa a armazenar múltiplas informações, todo o conteúdo pode estar acessível numa simples busca *online*, conseqüentemente a mente humana não é mais instigada a produzir conhecimento, pois o mesmo já está disponível, basta apenas acessá-lo a qualquer lugar e hora, o espaço das ideias não está mais preso somente ao campo físico, o virtual ganha muita evidência.

As transmissões de conteúdo nestas estruturas para os jovens já não são mais reconhecidas, a sala de aula tradicional acaba perdendo força, gerando o dilema de transmitir o que, para quem e como, segundo Serres (2013). O ensino, se encontra diante da possibilidade ou necessidade de migrar para adequar-se as evoluções dos jovens digitais, para que as relações entre professor-aluno não sejam alteradas ainda mais, e as práticas didáticas percam o caráter reflexivo, afastando o discente do campo escolar.

A educação pode ser um mecanismo facilitador para a inserção do cenário tecnológico no campo escolar, criando possibilidades de o aluno sentir-se provocado a utilizar os dispositivos no contexto acadêmico, com práticas e estratégias para que ele busque saberes através de pesquisas instantâneas e práticas, não bastando apenas estar *online*, mas sim conectado a prática pedagógica em questão. Segundo Kenski:

As tecnologias garantem às escolas a possibilidade de se abrir e oferecer educação para todos, indistintamente (...). O uso intensivo das mais novas tecnologias digitais e das redes transforma as dimensões da educação e dá à escola 'o tamanho do mundo. (2004, p.124)

As novidades digitais são inúmeras, mas é recomendável atentar-se a maneira como elas serão inseridas no contexto educacional, pois o resultado pode não ser o esperado devido ao equívoco da prática. É fundamental, conhecer o perfil do aluno e da turma para compartilhar o conteúdo e ampliar os saberes, mudando um pouco o modo de construir saber para acompanhar a cabeça conectada e pensante do aluno digital.

As propostas pedagógicas e os currículos vão precisar contemplar outros vieses, que englobem o contexto educacional das novas gerações. Pois, diversas escolas muitas não têm disponível laboratórios, a internet em si as vezes não existe, uma gama de fatores que não contribuem para o desenvolvimento mediante as tecnologias. A comunidade escolar uma boa parte pode não ter condições para contemplá-las.

Neste contexto, o cenário educacional também para englobar essas práticas terá que ser modificado para promover a inclusão digital, com uma adaptação ampla dos profissionais da gestão, professores e alunos, pois a proposta pedagógica e a estrutura física muitas vezes são inadequadas para atender essa nova linguagem de transmissão e troca de conteúdo. Como afirma Moran:

A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as

possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos. (2006, p. 36)

Desta maneira, todo o corpo escolar incluindo equipe pedagógica, administrativa, terão que atuar de forma integrada, com práticas educacionais devidamente articuladas, para que os processos de inserção dos alunos nesse novo meio possam explorar e contribuir realmente o crescimento e facilitação da sua aprendizagem.

As linguagens deverão estar de acordo com as metas que serão buscadas e o professor tem o papel fundamental neste contexto, como intermediador dessas ações pedagógicas, sempre ponderando quando deverá ser necessário utilizá-las dentro do contexto, para que a prática não se torne ineficaz. Além de lecionar, ele passará a ajudá-los a organizar e compreender a prática que será disposta.

Construindo novos conceitos, dinâmicas, métodos para contemplar a aprendizagem e aumentar a capacidade crítica do discente, é conjunto de ideias entre professor-aluno que vão possibilitar por meio das tecnologias no campo escolar, a ampliação dos saberes e das novas concepções de mundo. E acima de tudo, os profissionais terão que se sentir aptos e confortáveis para execução da tarefa, não basta só aplicá-la a qualquer momento. De acordo com Kenski:

É necessário, sobretudo, que os professores se sintam confortáveis para utilizar esses novos auxiliares didáticos. Estar confortável significa conhecê-los, dominar os principais procedimentos técnicos para sua utilização, avaliá-los criticamente e criar novas possibilidades pedagógicas, partindo da integração desses meios com o processo de ensino. (2004, p. 77)

O profissional da educação para manuseá-las com um cunho pedagógico e reflexivo, deverá ter conhecimento e saber das dimensões que os meios digitais podem atingir quanto ao aluno. No caso, o indivíduo que

será o receptor da mensagem que vai buscar a partir desse direcionamento desenvolver a prática educativa, e depois trocar informações e percepções compartilhando experiências na rede. Se a prática não for adequada, todo esse processo de troca de informações poderá ser improdutivo.

Sendo plausível também que o educador considere o conhecimento de mundo do estudante, o que ela traz do seu dia a dia para desenvolver determinada prática de ensino, é uma cooperação de saberes que contribuem para incorporar o novo tecnológico de acordo com cada demanda e especificidade do meio que dispõe. Para as demandas digitais sejam supridas, e permitam acompanhar as transformações, possuindo domínio de acesso e interação com as tecnologias de fato. Nas palavras de Pontes:

Um ponto aparentemente consensual é que a formação do cidadão para o acesso ao mundo digital depende diretamente da qualidade da formação dos professores. Para atender a este novo enfoque, é necessária tanto uma maior atenção tanto com a formação inicial dos novos educadores, quanto com a formação continuada daqueles que já estão no exercício da profissão. Assim, a formação continuada do educador passa a ser uma imposição a ser encarada como um processo permanente, contínuo, integrado ao seu cotidiano e ao das escolas, e não como uma atividade que ocorre à margem dos projetos profissionais dos educadores ou da organização da escola. (2011, p. 1)

É o processo de aprendizagem em que todas as partes deverão estar em sintonia, os professores com suas formações e atualizações para atender esse novo mundo, os alunos tendo um cunho crítico de pesquisa, e o campo escolar com as devidas condições para desenvolver tais práticas, criando uma nova realidade onde os currículos escolares possam desenvolver e adequar-se a estas demandas.

E as tecnologias poderão então contribuir da melhor maneira para desenvolvimento de toda comunidade escolar, ampliando os horizontes de pesquisa, formando profissionais que realmente possam manuseá-las de forma crítica, não sendo um meio de dispersão ou de fuga da realidade

existente. Mas sim, serem instrumentos reflexivos das práticas pedagógicas de aprendizagem, ligando a escola aos mais diversos saberes fomentando toda forma de conhecimento que os recursos móveis podem proporcionar, a cada integrante do universo educacional.

5 Desempenho Educacional em tempos de Pandemia

Com o advento da Pandemia causada pela *COVID-19* a educação sofre muitos impactos, devido a este grande período de afastamento e isolamento vivido atualmente, a modalidade do ensino remoto ganhou evidência em relação ao modelo presencial, então muitas das práticas pedagógicas tiveram que ser repensadas devido à crise sanitária, os sujeitos estão cada vez mais dependentes das tecnologias digitais de comunicação.

A pandemia acabou afastando os elos educacionais de proximidade entre professor-aluno-escola, agora a grande protagonista em questão é a tecnologia, que foi o meio de reconfiguração do ensino com a mediação de novas práticas de aprendizagens, docentes e discentes estão se adaptando a esse novo formato segundo Palú, Schütz e Mayer (2020), pois muitos não possuem por exemplo, sequer rede de internet com qualidade para acompanhar ou ministrar as aulas diariamente são alguns dos obstáculos a serem superados pelo sujeitos educacionais.

Já o professor nesta fase remota teve que se submeter a lecionar por várias jornadas de trabalho, produzir materiais e práticas que estimulem a aprendizagem do aluno fazendo com que o próprio no intuito de cumprir a demanda de todas essas tarefas escolares chegue a totalizar boa parte do seu dia executando-as, reafirmando o pensamento de Han (2018) que as pessoas se tornaram sujeitos de desempenho e produção, e os mesmos são empresários de si.

O momento atual que a sociedade está passando é cercado de incertezas, uma nova realidade em que as práticas educacionais estão sendo readequadas para serem aplicadas ao contexto, tanto a escola como a educação sofrem consequentemente diversos impactos, no modo de ensinar

dos professores quanto na absorção de conteúdos por parte dos alunos. Conforme ressaltam Palú, Schütz e Mayer:

Nesse “novo normal” os profissionais da educação precisaram repensar as formas de interação e mediação a serem utilizadas no processo ensino-aprendizagem, uma vez que foram obrigados a se reinventar e promover alternativas capazes de proporcionar aos alunos o acesso ao conhecimento, numa tentativa desesperada de “salvar” o ano letivo. Os professores, cada um a seu modo foram trazendo a lume suas práticas pedagógicas, uns tentando se reinventar, inovando suas práticas, outros mantendo olhares atentos à sua própria concepção de ensino e de aprendizagem resistentes à mudança, e outros ainda, perdidos e angustiados sem saber por onde começar. (2020, p. 140)

O campo educacional não diferente da sociedade em geral está tendo que passar por um período difícil, visando acompanhar as mudanças advindas do ensino na modalidade remota, longe do espaço físico escolar já estabelecido de anos de docência e ainda lidando com os alunos que estão agora dentro do seu ambiente familiar, muitos deles sem condições estruturais para o acesso por meio dos dispositivos tecnológicos as aulas, já as famílias por outro lado, não possuem em vários casos formação para acompanhar adequadamente esses estudantes diariamente nos estudos, contribuindo para que todo o processo de ensino-aprendizagem não seja contemplado.

Diante desse cenário, as práticas pedagógicas estão sendo refeitas para adequação do modelo de ensino virtual, os docentes estão sendo cada vez mais críticos com as suas competências e habilidades para acompanharem o atual período em que a crise provocada pela pandemia afetou profundamente a forma de ensinar e aprender, sendo estritamente mediados pelas tecnologias que agora são as grandes protagonistas da aprendizagem educacional neste momento.

Os espaços escolares foram modificados e transportados para o ambiente familiar dos professores e estudantes no contexto atual em virtude

da grande crise sanitária vivida, o aprendizado e a interação agora se dão pela tela do computador ou celular, muitas práticas estão sendo repensadas para contemplar esse modelo de ensino no qual os alunos estão afastados da instituição de ensino nas palavras de Palú, Schütz e Mayer (2020), sem o acompanhamento do professor muito diferente do modelo tradicional, já empregado e enraizado ao longo de tempo, a pandemia fez com que todas essa dinâmica de instrução fosse readaptada para atender as peculiaridades que a comunidade escolar se encontra, na tentativa de estreitar os laços da relação professor/aluno ainda que de modo virtual.

Salientando que o momento atual de crise pandêmica e isolamento social consequentemente pode provocar muitas mudanças na aplicação dos conteúdos pelos docentes e na aquisição dos mesmos em relação aos discentes, as tecnologias são agora as protagonistas na intermediação do ensino/aprendizagem, fazendo a ressalva que elas não podem suprimir as dificuldades ou a falta de acesso que muitos professores e alunos convivem, como também a escola no seu espaço físico de forma presencial onde muitas já não dispõem de estrutura mínima para aplicação e desenvolvimento do saber através dos dispositivos digitais, todos esses fatores podem contribuir negativamente para que o ensino satisfatório não seja contemplado, então a escola muitas vezes tem grandes dificuldades para ajustar-se ao contexto de crise vivida

Sendo fundamental que todas as partes trabalhem em concordância visando diminuir os impactos provocados pela crise pandêmica, alunos, professores, a escola como instituição visando que o ensino seja desenvolvido respeitando as adversidades, a falta de estrutura para incorporar as práticas pedagógicas por meio das tecnologias, e que os mesmos tenham também tempo de ócio para que o ambiente sala não invada ainda mais o familiar, podendo gerar até transtornos na saúde mental, conforme afirma Bezerra et al. (2020) como depressão, estresse, ansiedade devido ao isolamento social.

É um período de muitas incertezas e dificuldades em que o desempenho educacional se encontra, onde o ambiente sala invadiu o

universo familiar e pessoal dos sujeitos, as tarefas agora são desenvolvidas e praticadas na modalidade remota de forma *online* com a obrigação de cumprimento rigoroso da carga horária imposta antes da pandemia, sem considerar muitas vezes o psicológico destes indivíduos, a estrutura física que se encontram.

Devido a propagação da pandemia as desigualdades de acesso foram acentuadas, muitos alunos tiveram problemas para terem aulas a distância, e outros nem tiveram condições de acesso a uma tecnologia que permita o ingresso as aulas. Discentes por estarem confinados ao ambiente familiar agora durante o dia inteiro, nem condições tem de estudar satisfatoriamente, pois residem em suas casas e acabam tendo que dividir compartimentos como o quarto ou a sala por exemplo, com os demais integrantes da família. O que só gera mais deficiência para uma aprendizagem que já é escassa.

É necessário também analisar o desempenho educacional em tempos de pandemia, todas as inovações trazidas pelas tecnologias devem ser consideradas para que as aulas sejam mais interativas possíveis seguindo boa parte do cotidiano vivido pelos sujeitos digitais, e pensar como a outra parte que não tem acesso ou formação consistente para utilizá-las pode ser inserida, algo bastante crítico que vem desde da formação estrutural da sociedade que reproduz como o indivíduo aplicará as tecnologias no seu cotidiano. Segundo ressalta Kenski:

A economia, a política e a divisão social do trabalho refletem os usos que os homens fazem das tecnologias que estão na base do sistema produtivo em diferentes épocas. O homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhe são contemporâneas. Elas transformam sua maneira de pensar, sentir, agir. (2012, p. 21)

Os fatores citados a cima podem modificar e interferir na aprendizagem do aluno e a aplicação da prática pedagógica pelo docente, são procedimentos que devem ser repensados para melhor adequação a cada realidade estrutural e intelectual dos componentes educacionais, a aprendizagem só será contemplada se pensada com intuito de suprimir

essas dificuldades, fazendo com que todos os indivíduos desenvolvam os saberes e evoluam como seres humanos conscientes em relação ao alcance e efeitos que o cenário digital pode contribuir para sua concepção de mundo e crescimento como pessoa.

Por fim, os indivíduos educacionais devem se atentar para que o trabalho não seja naturalizado e passe a ocupar muitas vezes a totalidade das suas horas diárias, tornando-os assim como salienta Han (2018) um servo absoluto que na verdade explora voluntariamente a si mesmo sendo refém do trabalho e da produção, podendo implicar na configuração de doenças, como depressão e ansiedade provocadas pelo período de isolamento social, aspectos que podem contribuir bastante a fim de que o ensino e as práticas de aprendizagem não atinjam uma eficácia positiva.

Considerações Finais

Considerando todas as perspectivas expostas anteriormente, as tecnologias e as formas de domínio, a educação e a escola, o saber e a difusão digital, essas concepções deverão se complementar para que os indivíduos participantes deste processo se sintam contemplados, cada um tem o seu papel de importância dentro da engrenagem escolar e da vida cotidiana.

As tecnologias podem possibilitar a difusão dos saberes educacionais e as experiências de mundo dos alunos, de acordo com a forma que serão aplicadas e respeitando as adversidades. Pois, nem todas as instituições de ensino infelizmente permitem que se desenvolva uma atividade com base nas suas abrangências, os recursos, as condições econômicas e físicas são insuficientes para se desenvolver um trabalho eficaz.

Os professores e alunos são elos para fazer com que o conteúdo se dissemine de maneira satisfatória, a relação entre as partes terá que ser de confiança para a troca mútua de conteúdos pois um aprende com outro. Do ponto de vista, que a tecnologia é um dispositivo que pode contribuir com informações e experiências para amplificar o saber e a aprendizagem em

plataformas diversas, como redes sociais, sites, blogs, entre outros. Salientando que se empregadas com um cunho pedagógico buscando a proliferação de conhecimentos de todas as partes do processo educacional.

É necessário ter cuidado pois os recursos tecnológicos são importantes, mas não se pode ficar preso e restrito aos seus domínios que em muitos casos podem tornar o sujeito prisioneiro do sistema, imerso no meio digital e não percebe que o controla a todo momento, consumindo, compartilhando, curtindo e no final tornando-se dependente e tendo uma falsa liberdade de expressão, ainda mais ampliado em razão da pandemia da *COVID-19* em que os sujeitos educacionais por estarem isolados não conseguem separar o trabalho do ambiente privado, chegando ao ponto de desenvolver graves problemas mentais de tal forma que os próprios não percebem e acabam acentuando-os ainda mais com o passar do tempo.

Deve-se ter liberdade e criticidade ao utilizar esses recursos, analisando o que se busca a partir deles, visto que os mesmos podem contribuir para ampliar as concepções de mundo como também construir indivíduos limitados e submetidos as condições que as grandes redes tecnológicas querem induzir, ou seja, que o sujeito consuma e contribua para expandir as suas ideias em muitas ocasiões, domesticando o indivíduo algumas vezes, contrariando a ideia do mesmo que diz ser livre e dono das suas atitudes.

Assim sendo, o aluno mediado pelo professor utilizando os dispositivos tecnológicos, poderá desenvolver diversas estratégias para a escrita e leitura, permitindo que o próprio tome decisões e construam opiniões cada vez mais alicerçadas ao contexto atual, de uma cultura digital com múltiplas informações para compartilhamento dos saberes. Com o intuito, de que as práticas realmente sejam implementadas no processo de ensino-aprendizagem escolar e ao longo da vida, e não tratadas de forma isolada como um evento fora do âmbito educacional.

Referências

BEZERRA, Anselmo César Vasconcelos et al. *Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19*. Ciênc. saúde coletiva vol.25 supl.1 Rio de Janeiro June 2020 Epub June 05, 2020. disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csc/v25s1/1413-8123-csc-25-s1-2411.pdf>> Acesso em: 09 out. 2020.

FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. In: DREYFYS, Hubert & RABINOW, Paul. Michel Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 273-295, 2009.

FOUCAULT, Michel. Poder - Corpo. In: *Microfísica do poder*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro. *O modelo de negócios Facebook -Instant Articles no financiamento do jornalismo online no Brasil*. Aracaju-SE: Editora Amazonia Coral, 2018. O modelo da Cauda Longa.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Tradução de Maurício Liesen. Editora Âyiné Âyiné. Belo Horizonte, 2018.

HAN, Byung-Chul, *No Enxame: Reflexões Sobre o Digital*. Lisboa, Relógios D'Águas Editores, 2013.

KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2004.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação*/Vani Moreira Kenski. - 8ª ed. - Campinas, SP: Papirus, 2012. - (Coleção Papirus Educação).

MORAN, José Manuel. *Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas*. In: MORAN, José Manuel; MASSETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 12ª ed. Campinas: Papirus, 2006.

PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro. *Desafios da educação em tempos de pandemia*. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

PONTES, A. N. *Um ponto aparentemente consensual é que a formação do cidadão para o acesso ao mundo digital depende diretamente da qualidade*. I Seminário ATIID - Acessibilidade, Tecnologia da Informação e Inclusão Digital (S. Paulo, Brasil, 28-29/08/2011)

SERRES, Michael. *Polegarzinha*. Tradução de Jorge Bastos – Rio de Janeiro; Editora Bertrand Brasil, 2013.

Submetido em: 06/11/2020

Aceito em: 14/01/2021

Publicado em: 02/02/2021